

EDUCAÇÃO INFANTIL: ALFABETIZAR X BRINCAR

FERNANDO RICARDO FURLAN

Universidade Cidade de São Paulo¹

Graduado em Pedagogia, Ciências biológicas, Pós – graduado em Psicopedagogia e Pós – graduando em Alfabetização. E-mail:

fer.ricardo.fur@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo discutir uma das novas necessidades da educação infantil, se deve ou não tentar alfabetizar, ou possibilitar somente atividades mais lúdicas nessa etapa. Para isso será realizado uma revisão bibliográfica, para tentar dar um norte ao longo da temática, para que os profissionais dessa área possam ter mais um material para repensar sua prática educacional. E assim os professores possam fazer suas reflexões dentro de seus questionamentos, podendo ter uma direção de como trabalhar em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Educação infantil, alfabetização, brincar.

1 INTRODUÇÃO

A educação infantil, por muito tempo foi vista como um tempo e espaço para brincar, passar o tempo, enquanto os pais trabalhavam e não tinham com quem deixar seus filhos.

Não havia olhares pedagógicos e sim puramente assistencialistas. Dessa forma as creches ou escolas eram vistas de forma irônica e desacreditada, como depósitos de crianças.

O tempo passou e a visão mudou, hoje se sabe que o mundo infantil está repleto de possibilidades, momento em que as crianças estão em pleno

¹ Especialização em Alfabetização pela Universidade Cidade de São Paulo. São Paulo- SP, Brasil. E-mail do autor fer.ricardo.fur@hotmail.com. Orientador Leociléa Aparecida Vieira.

desenvolvimento, a todo vapor, e precisam de estímulos, de direcionamentos, de pessoas que compreendam o que está acontecendo com elas e possam auxiliá-las no que for necessário.

Dessa forma, existem pessoas que acreditam no trabalho sério que é desenvolvido nessa etapa, como existem pessoas que desacreditam que ainda possuem a mesma visão de assistencialismo, deixando assim o processo pobre, pois não há o reforço familiar, e o trabalho pedagógico perde-se no caminho. Nesse mesmo contexto há professores que acreditam no trabalho que deve ser desenvolvido e assumem o compromisso, como há os que acham desnecessário, impróprio, inadequado, e somente querem momentos de brinquedos e brincadeiras.

Ao recorrer aos pensadores, se o pesquisador não possuir um norte, irá se perder mais ainda, uma vez que cada qual pensa de uma forma, indica um caminho, diante suas experiências vividas. Sendo assim acaba ficando ao critério de cada um como proceder e como pensar a educação infantil, uma vez que, não exista um sistema obrigatório a seguir. Porém no senso comum de muitos a ideia ainda é retrógrada.

Discute-se a educação infantil sabendo o valor que deve ser dada a essa etapa nos dias de hoje, pois muito já foi estudado, muitos resultados positivos obtidos, e assim muitos gritam a necessidade de trabalhar com responsabilidade e compromisso, para que todas as habilidades dos educando sejam desenvolvidas.

Se buscarmos a nova lei em vigor desde 16/05/2005 teremos o seguinte texto: “o ensino fundamental com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública a partir dos seis anos”. O sistema pede que os alunos sejam alfabetizados mais cedo, adiantando uma etapa para o fundamental, com preocupação única de, e objetivo direto, que as crianças sejam alfabetizadas até o segundo ano, de preferência.

Mas como ficam as outras áreas? O motor, social, psicológico, enfim, será mesmo uma vantagem, ou uma desvantagem, ou o caminho é o certo?

O caminho traçado, a linha de pensamento é para se chegar a uma conclusão, de qual caminho seguir, ou retroceder, ou adiantar, ou quem sabe mesclar.

2 UM PENSAMENTO DIFERENTE

Diante as novas necessidades da sociedade, aos novos pensamentos pedagógicos, e até mesmo do governo, o trabalho do professor na educação infantil, deverá ser de alfabetizador, ou de recreador? Entenda-se recreador como aquele que possibilita espaço e momentos para brincadeiras, jogos e brinquedos.

Os alunos estão indo mais cedo para o ensino fundamental devido à nova legislação, dessa forma as crianças que vão para etapa da pré-escola, também estão mais novas. Esse contexto deve ser levado em consideração.

O que intriga é que muitas vezes os profissionais sentem-se perdidos na situação, não sabem se alfabetizam, ou se vão mais devagar, com essa inquietação surgiu à necessidade de se pensar educação infantil: alfabetiza x brincar. Deve – se fazer um, ou outro, ou os dois devem caminhar juntos?

O processo de formação que uma criança passa, é longo, demorado, deve levar muitos aspectos em conta. Inicia-se muito cedo e vai pela vida toda, nesse pensamento, deve – se pensar que a educação infantil é um momento rico para o aprendizado acontecer, muito desvalorizado ainda, sim, mas necessário.

É justamente nessa etapa que os jogos, o lúdico, as brincadeiras está de mais fácil acesso aos pequenos, que muitas vezes não possuem meios para entrar em contato, para ter recursos para o aprendizado.

Para se alfabetizar também é necessário um tempo árduo, cheio de detalhes para se pensar. Como também as mais diversas áreas motoras ainda estão dormentes, precisando de estímulos para se desenvolver.

Os professores precisam estimular a aprendizagem, buscar em seu aluno autoconfiança, organização, cooperação, coisas que parecem tão poucas, mas que são de uma intensidade enorme. A criança que pula, corre, anda, rasteja, escorrega, imagina, vai conseguir muito mais rápido ser alfabetizado.

Os levantamentos iniciais mostram que os educadores estão se atualizando diante a nova necessidade da sociedade, que além de “assistir” essas crianças, deve também ter o trabalho pedagógico.

Diante disso uma das hipóteses pensadas e que será trabalhada ao longo do trabalho, é de que, a dúvida em: se deve ou não alfabetizar, ou só brincar, ou mesclar, deve – se ao fato de que os educadores possuem um certo receio de adentrar conteúdos que não são próprios a faixa etária do infantil, deixando de priorizar outros aspectos, como por exemplo, o motor.

2 EDUCAÇÃO INFANTIL

Se formos analisar os estudos acerca do tema, chegaremos à conclusão de que o ensino da criança esteve sempre sobre a responsabilidade dos pais, pois era no convívio, nas imitações, nos exemplos, que as crianças adquiriam a educação, absorviam a cultura e suas implicações.

No final do século XVIII algumas instituições voltadas à educação de criança de 0 à 6 anos (hoje 5 anos) começaram a aparecer para sociedade, numa necessidade de receber essas crianças para que os pais pudessem trabalhar, sendo assim, visava crianças pobres de pais trabalhadores, na era industrial em que o Brasil estava.

Essa revolução possibilitou que as mulheres entrassem em grande número nas fábricas e ativamente no trabalho.

Nesse tempo surgiram aquelas que não desejavam trabalhar em fábricas e assim vendiam seus tempos para ficar com as crianças dessas mães operárias.

Mas esse contexto trouxe muitos maus tratos e violência a essas crianças que ficavam submetidos a uma única pessoa, e despreparada, com isso começou a surgir na Europa às primeiras instituições que cuidavam e protegiam das crianças enquanto suas mães estavam trabalhando.

A escola de principiantes ou escola de tricotar, criada por Oberlin em 1769, sendo reconhecida como a primeira delas. De acordo com os seus objetivos, ali a criança deveria: perder os maus hábitos; adquirir hábitos de obediência, sinceridade, bondade, ordem, etc.; conhecer as letras minúsculas; soletrar; pronunciar bem as palavras e sílabas difíceis; conhecer a denominação francesa correta das coisas que lhe mostram e adquirir as primeiras noções de moral e religião. (Sandra Vaz de Lima).

Como pode – se vê já havia um olhar que intencionava a área pedagógica, mas ainda com muitos objetivos focados no assistencialismo, devido à demanda industrial.

Em meados do século XIX surgiram no Brasil as chamadas creches que tinha como caráter o assistencialismo puro, diferentes de outras ao redor do mundo, que traziam consigo o cunho pedagógico.

Talvez por conta dessa concepção na implementação, arrasta – se até hoje em alguns lugares essa ideia retrógrada de que a educação infantil é depósito de crianças que precisam de cuidados e amparos.

Hoje muitos estudos e vários profissionais tentam desmistificar essa ideia errônea que pais, familiares e até mesmo a própria sociedade faz das instituições de educação infantil. É um espaço para cuidados sim, de proteção também, mas seu objetivo maior é o desenvolvimento pleno da criança, no seu aspecto motor, cognitivo, social...

3 ALFABETIZAR X BRINCAR

Hoje a educação infantil já partiu para outra concepção, mais abrangente, como na parte escrita, leitura, e logo aprender a ler e escrever, mas momento esse que acontece mesmo no ensino fundamental, dessa forma na educação infantil irá ser considerado que, ler e escrever, e as mais diversas atividades que se passam na escola, as primeiras tentativas das crianças serão relacionadas como garatujas.

Se formos contextualizar de forma mais clara:

Fazendo um recorte histórico nos estudos em alfabetização, o que se percebe é que durante muito tempo à alfabetização da criança ou não, esteve relacionada com a chamada prontidão para a aprendizagem da leitura e da escrita. As crianças eram submetidas a testes que diagnosticavam o seu nível de maturidade. Media-se a discriminação visual e auditiva, a coordenação viso-motora, a compreensão da linguagem oral, entre outros. O nível de maturidade constatado era o parâmetro muitas vezes utilizado para a formação de classes de alfabetização, nas quais utilizavam-se os métodos tradicionais de leitura e de escrita. (SANCHEZ, 2003).

Durante o processo de alfabetização, as crianças desenham letras, copiam ou formam palavras com elas, escrevem palavras ditadas pela professora, completam – nas, dominam a mecânica de decodificar o que está escrito, independentemente do significado que as palavras escritas ou lidas tenham para elas. (FONATANA, 1997, p. 172).

Essa ideia traz que, partindo de um diagnóstico bem feito, encaminha – se para a eficácia do trabalho. Porém sabe – se que a educação infantil era até pouco tempo espaço para introduzir a criança no mundo das letras, dos números, da brincadeira, deixando a alfabetização estritamente para o ensino fundamental.

Com o “adiantamento” da idade para o fundamental, surgiu a inquietação, de como entregar essa criança mais nova para a outra etapa. Muitos profissionais se amarram ao brincar, enquanto outros já tendem a alfabetizar. E com isso muitos acabam se perdendo no caminho, é necessário então pensar uma boa metodologia para se atender as demandas e aos objetivos necessários.

Assim pensar em educação infantil, é pensar também no lúdico, na brincadeira, no desenvolvimento motor e suas habilidades. Essa concepção traz divergências entre Piaget e Vigotsky. Para Piaget:

O jogo simbólico é parte de uma função fundamental do processo cognitivo da criança, a função simbólica. Essa função aparece na criança mais ou menos aos 2 anos e permite que ela possa representar uma coisa por intermédio de outra coisa, como a linguagem, o desenho ou o gesto simbólico. (FONTANA, 1997, p.128).

Já Vigotsky traz outro sentido para esse momento de brincar:

A brincadeira tem um papel fundamental no desenvolvimento do pensamento da criança. Ao substituir um objeto por outro, a criança opera com o significado das coisas e dá um passo importante em direção ao pensamento conceitual. (FONTANA, 1997, p. 128).

Vygotsky direciona seus pensamentos para os significados e não nos objetos como Piaget. Porém ambos concordam que a brincadeira é essencial no desenvolvimento motor e cognitivo da criança. Ao brincar a criança está se arriscando em suas possibilidades, conhecendo o mundo a sua volta, o espaço, se integrando conforme suas descobertas.

Brincar vai ser uma forma de aprender, não se pode negar a brincadeira, o caráter lúdico enfoca a atividade cognitiva e não um passa – tempo.

Brincar é sem dúvida, uma forma de aprender, mas é muito que isso. Brincar é experimentar-se, relacionar – se, imaginar – se, expressar – se, compreender – se, confrontar – se, negociar, transformar, ser. (FONTANA, 1997, p. 139).

Nesse contexto o professor será aquele que irá conduzir de forma intencional as atividades, as relações, pensando em cada objetivo.

Mesmo que na educação infantil, a escola vai ser espaço e lugar de aprender, pensando em um aspecto mais lógico, aprender a aprender. Aprender a ler, escrever, ter acessos a informações, e conceitos de homem, natureza, sociedade,

fenômenos, fatos naturais, enfim uma gama grande de conceitos que vai introduzindo a criança no mundo em que ela vive de forma compreensiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que a criança foi considerada um adulto em miniatura, muitos estudos e teorias foram surgindo para mudar tal ideia retrógrada. Hoje sabe-se que cada criança possui um potencial, um tempo para desenvolvimento, possui características próprias que a faz ser única.

Com isso o ambiente escolar precisa ser um espaço estimulador, que possibilite o desenvolvimento das mais diversas áreas cognitivas, psicológicas e físicas, para que o aprendizado possa acontecer de fato.

A educação infantil não é um lugar para passar o tempo enquanto os pais trabalham, a educação infantil é momento privilegiado em que a criança se encontra, momento em que ela pode se desenvolver de forma plena. Para que isso ocorra o professor precisa ser aquele mediador, estimulador, que cumpra com seu papel de formador, que tenha responsabilidade, compromisso com o que se propôs a fazer.

Da mesma forma o currículo da escola, o planejamento político pedagógico, o planejamento das aulas, precisa ser pensado de uma forma que abranja todo o contexto necessário dessa etapa.

Assim conclui – se que, não há uma visão fechada quanto à ideia de que se deve ou não alfabetizar, ou só desenvolver atividades lúdicas, pois em sua totalidade elas se completam. A criança só vai estar em estado de ser alfabetizada se ela tiver tido oportunidade para conhecer esse mundo, tanto lúdico quanto letrado.

O momento lúdico de brincadeiras, de jogos, parque, traz a criança o desenvolvimento não só físico, mas psico – motor, cognitivo, faz a criança pensar, desenvolver, se relacionar, articular, projetar, com isso ela fica mais pronta para entender o caderno. A criança que brinca, pula, corre, se arrasta, cai, levanta, puxa, estica, com certeza se alfabetizará mais rápido.

REFERÊNCIAS

FONTANA, R; CRUZ, N. Psicologia e trabalho pedagógico. São Paulo: Atual. 1997, p. 1 - 8.

REVISTA PÁTIO EDUCAÇÃO INFANTIL. Porto Alegre, publicação trimestral da Artmed Editora S.A. Ano IX Nº 29 – Outubro/Dezembro 2011, p-5.

FERREIRA, Renata T. S. O direito educacional na constituição federal e na LDB. São Paulo, 2007, p. 78.

LIMA, Sandra, V. L. Concepções da Educação Infantil. Disponível em: <http://fundamentoseducaoinfantil.blogspot.com.br/p/concepcoes-de-educacao-infantil.html> . Acesso no dia 22/05/2013 às 21h05minh.

REVISTA HISTEDBR ON – LINE. PASCHOAL, J. D.; MACHADO, M. C. G. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. Campinas, nº 33, 2009, p. 78-95.

SANCHEZ, D. B.da S. Alfabetização e educação infantil. Revista Científica Eletrônica de Pedagogia. Ano 1, nº2, 2003. Disponível em: <http://www.revista.inf.br/pedagogia02/pages/artigos/artigo02.htm>, acesso em 11/07/2013.